

Manual



Regulamentação de
cooperativas de catadores de
materiais recicláveis

SUMÁRIO

trilhos

1. Contexto da cooperativa e prospecção	5
2. Diagnóstico inicial e suas frentes	X
2.1. Aspectos de legislação e situação legal da cooperativa.....	6
2.2. Perfil dos cooperados.....	6
2.3. Aspectos de Lay-out e postos de trabalho.....	7
2.4. Mapeamento dos processos internos da cooperativa.....	7
3. Análise dos resultados obtidos a partir do diagnóstico....	8
4. Propostas de melhorias.....	8

1. CONTEXTO DAS COOPERATIVAS E PROSPECÇÃO

Um dos instrumentos presentes na Política Nacional dos Resíduos Sólidos (2010), é “o incentivo à criação e ao desenvolvimento de cooperativas ou de outras formas de associação de catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis”. Nota-se, portanto, que o trabalho realizado pelos catadores de materiais recicláveis, de reinserir os resíduos novamente na cadeia de produção é imprescindível para uma gestão de resíduos sólidos e, conseqüentemente, uma logística reversa efetivas. Apesar de serem uma das bases para a gestão de resíduos, de alimentarem o setor industrial da reciclagem que está em pleno vapor, e de contribuírem para a geração de riqueza, os catadores ainda formam o elo mais fraco desta estrutura, pois estão imersos em condições de pobreza extrema e de pouca organização e investimento (DAMÁSIO, 2014). Desse modo, se faz fundamental a coleta de dados acerca do tema, para assim propor políticas públicas e incentivos privados em prol da inclusão social deste setor em um mundo mais sustentável.

O estudo realizado por Damásio (2006), demonstrou que apenas 28% das cooperativas brasileiras possuem uma organização satisfatória, contendo somente 12% de todos os catadores do país vinculados às cooperativas, já as 72% cooperativas demais, que empregam os 88% restantes desses catadores formalizados, ainda são configuradas em condições de infraestrutura e de trabalho mínimas e precárias. Dessa forma, é crucial o fomento a formação de cooperativas de catadores de materiais recicláveis seguras e confortáveis aos cooperados e, além disso, a participação das cooperativas mais organizadas na difusão de conhecimento e de inclusão social para as demais cooperativas que ainda não se encontram em condições similares a elas.

Com base nas informações acima, o manual consiste em orientar cooperativas de catadores de materiais recicláveis, a partir de suas especificidades e potências, para que estas atinjam o patamar mais alto em qualidade de trabalho e produtividade. Desse modo, a escolha de uma cooperativa para ser auditada e, posteriormente, regulamentada pelo Trilhos é caracterizada por buscar cooperativas que ainda estão expostas a condições precárias e ínfimas de produtividade e de trabalho, contribuindo para uma baixa ascensão econômica para os seus trabalhadores. Acredita-se, portanto, que o manual auxiliará na emancipação tanto econômica quanto intelectual dos cooperados.



2. DIAGNÓSTICO INICIAL E SUAS FRENTES

Inicialmente, é feito um diagnóstico referente as diferentes frentes que são cruciais para o funcionamento de uma cooperativa de catadores, destacando-se os aspectos legais necessários para a formalização da cooperativa, o perfil dos trabalhadores e suas opiniões acerca da cooperativa, a configuração do Lay-Out da cooperativa e dos seus postos de trabalho e, por fim, o mapeamento dos processos internos da cooperativa analisada. Estas frentes serão especificadas ao longo do manual.

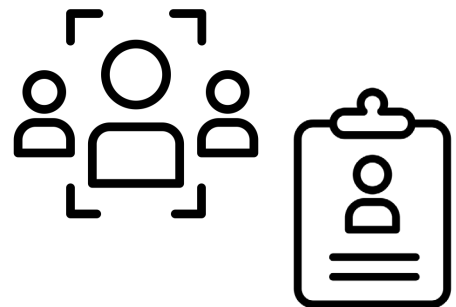
2.1. SITUAÇÃO LEGAL DA COOPERATIVA

Os aspectos legais necessários para a formalização da cooperativa consiste em, primeiramente, uma vasta pesquisa acerca das leis federais, estaduais e municipais que perpassam pela regularização das cooperativas de catadores de materiais recicláveis e incentivos públicos pertinentes para a categoria. Após isso, coletar as informações da própria cooperativa em questão para analisar em qual patamar ela se encontra na sua formalização.



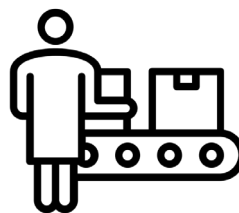
2.2. PERFIL DOS COOPERADOS

Nesta frente, traça-se um perfil em comum dos cooperados trabalhadores da cooperativa em questão, visando compreender os níveis médios de alfabetização, idade, gênero e suas implicações, habitação, constituição familiar, renda e entre outros. Posteriormente, entrevistas são realizadas com esses trabalhadores com o intuito de coletar as opiniões, as ideias e, principalmente, as dores dos cooperados.



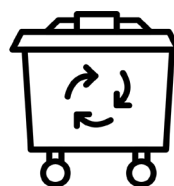
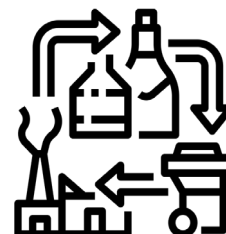
2.3. ASPECTOS DE LAY-OUT E DOS POSTOS DE TRABALHO

Tanto por entrevistas com os gestores e demais funcionários, quanto por mapeamento dos aspectos de Lay-Out, visa-se coletar pontos positivos e negativos da disposição dos postos de trabalho e da ergonomia ao longo da planta da cooperativa.



2.4. MAPEAMENTO DOS PROCESSOS INTERNOS

Busca-se compreender a maneira como a cooperativa gere seus próprios processos de produção e identificar possíveis gargalos a serem sanados e inovações a serem potencializadas já presentes neste espaço de trabalho.

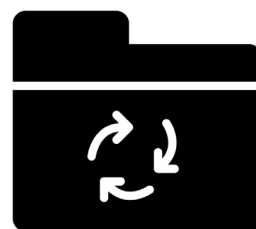


3. ANÁLISE DOS RESULTADOS A PARTIR DO DIAGNÓSTICO

Após a coleta de todos os dados obtidos através do diagnóstico inicial, é possível começar a delinear as dinâmicas existentes na cooperativa em questão.

O método utilizado para a catalogação e análise é a elaboração de relatórios a partir de formulários, entrevistas e mapeamentos realizados na cooperativa.

Com esses relatórios em mãos, inicia-se a elaboração dos possíveis planos de ação e, posteriormente, propostas de intervenções para sanar os problemas presentes na cooperativa.



4. PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO

Os planos de ação traçados abrangem desde melhorias minoritárias até aquelas de grande impacto necessárias para o bom funcionamento da cooperativa. Vale lembrar que apesar das cooperativas de catadores problemas de gestão e qualidade de espaço de trabalho similares, cada uma possui suas especificidades. Desse modo, a importância de um diagnóstico inicial para cada cooperativa é primordial para combater a latente precarização dessa categoria.

Devido ao trabalho de diferentes frentes de atuação no diagnóstico inicial, é possível realizar planos de ação e melhorias específicos para cada área, em que dependendo da cooperativa em questão, um plano de ação pode ser mais detalhado e complexo do que o outro. Sendo estes planos realizados de maneira participativa com os membros da cooperativa, dando espaço para as suas dores e limitações.



Dentre as possíveis intervenções realizadas em uma cooperativa, vale destacar:

trilhos

A partir da situação legal da cooperativa

Auxílio na formulação de um Estatuto Social e criação de uma associação para a cooperativa

Auxílio na organização documental e financeira da cooperativa

A partir do perfil dos cooperados

Capacitações educacionais

Busca de creches para os filhos dos cooperados

Melhorias nas áreas de convivência dos funcionários

A partir dos aspectos de Lay-Out e dos postos de trabalho

Sinalização efetiva no chão e nas paredes da cooperativa

Criação de estruturas de apoio para realização de tarefas

A partir do mapeamento dos processos internos

Auxílio na otimização da linha de triagem de resíduos

XXXXXXXXXX



